

# **EJA – OS DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS**

## **CIDADANIA: DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS À AQUISIÇÃO DA LECTO-ESCRITA**

**Vanda Almeida da Cunha**

**Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)-BA**

[valmeidadacunha@yahoo.com.br](mailto:valmeidadacunha@yahoo.com.br)

### **INTRODUÇÃO**

Os jovens e adultos analfabetos constituem ao longo da vida representações sociais sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita, que delimitam as concepções em nível imaginário sobre as razões pelas quais podem ou não fazer parte do mundo letrado. Partindo desse princípio, esse trabalho teve como objetivo realizar algumas reflexões acerca dessas representações, baseado nos depoimentos de alfabetizandos atendidos pelo Programa Alfabetização Solidária nos Municípios vinculados a Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba.

### **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para esse trabalho fundamentou-se, em estudos dos principais teóricos da área de alfabetização de jovens e adultos, que tratam dessa temática; em entrevistas com os alfabetizandos, em depoimentos adquiridos nas visitas às classes nos municípios atendidos pela UEFS, análise de relatórios dos alfabetizadores e na observação empírica dos trabalhos realizados nas classes.

### **RESULTADOS**

O trabalho oportunizou muitas descobertas acerca das representações sociais que os alfabetizandos construíram ao longo da vida, a importância da leitura e da escrita e do acesso ao mundo letrado. Foi constatado nesse trabalho, que esses indivíduos vêm para as salas de aula do PAS, com vários medos, ansiedade, sentimento de inferioridade, desmotivados, envergonhados, se sentindo culpados por não terem conseguido se alfabetizar no “período” correto. Esse conjunto de sentimentos negativos provoca bloqueios quando este sujeito se percebe tentando dominar a lecto-escrita.. Entretanto observamos também que, a partir de um trabalho bem articulado, planejado, baseado numa relação dialógica e democrática, que permita e valorize os conhecimentos e as contribuições individuais dos alfabetizandos, esses, poderão superar os limites que os conduzem ao descrédito no que se refere à capacidade que possuem de aprender, de exercer melhor a cidadania, participar com mais eficácia das resoluções que são construídas e decididas em suas comunidades, favorecendo assim, mais autonomia e desencadeando perspectivas de conquistas, que antes eram completamente distantes do imaginário de cada um.

### **CONCLUSÕES**

A busca pela erradicação total ou parcial do analfabetismo no Brasil deve ser encarada como algo a ser conquistado de forma efetiva. Dessa maneira torna-se de fundamental compreender as representações sociais que os analfabetos possuem sobre sua condição de exclusão do mundo letrado, para que a partir de uma proposta de trabalho bem discutida e sistematizada em princípios construtivos e inclusivos, seja considerado a história de vida e os conhecimentos adquiridos pelos alfabetizandos ao longo da sua existência, redimensionado as expectativas e possibilidades desses sujeitos, oportunizando-os a ver e viver a vida com mais prazer, alegria e sobretudo com garantia de direitos elementares, como ler e escrever.

**Palavras Chaves:** Representações sócio-culturais, lecto-escrita , Cidadania.

## **CIDADANIA: DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS À AQUISIÇÃO DA LECTO-ESCRITA**

**Vanda Almeida da Cunha – Graduada em Licenciatura em Geografia –  
Especialista em Educação Ambiental para a Sustentabilidade pela Universidade  
Estadual de Feira de Santana/BA (UEFS)**

*“É no encontro com seu passado que um grupo humano encontra  
energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro”*

*Edgar Morin*

Atualmente no Brasil, a alfabetização de pessoas jovens e adultas, é uma realidade concreta. Várias instâncias dos poderes públicos estão desempenhando ações que venham a contemplar os ainda milhares de analfabetos existentes no país. Dessa maneira, sabe-se que os desafios empreendidos pelas diversas propostas de alfabetização são difíceis, necessitando um estudo mais específico da conjuntura que levou esses indivíduos a essa condição, pois o analfabeto já possui muitas representações sociais culturalmente construídas ao longo da sua história, assim pensar a alfabetização de pessoas não letradas é refletir os princípios que regem sua condição de analfabeto.

Nessa perspectiva, a trajetória empreendida pelo alfabetizando na tentativa de se apoderar e dominar a leitura e escrita, perpassa por todas as representações sociais e culturais adquiridas pelo mesmo no ambiente social o qual está inserido. Essas representações oportunizam aos alfabetizadores um leque de experiências trazidas pelos alunos, que podem ser utilizadas para a construção e elaboração dos conteúdos ministrados em sala de aula, pois todas às experiências vivenciadas por eles dever ser validadas como algo de extrema relevância, o que facilitará a apreensão dos conhecimentos.

Segundo Otero (1993),

*“as representações sociais se referem ao conhecimento sobre a realidade física, social e pessoal que o indivíduo elabora enquanto integrante de uma classe social, o que lhe confere um determinado papel no mundo”.*

Essas representações sociais estão intrínsecas na complexidade de uma sociedade dualizada e em constantes transformações, onde é necessário que resgatem um pouco os caminhos que marcaram e direcionaram a realidade atual, buscando entender o presente no resgate do passado.

Observando a realidade na qual se encontram os alfabetizandos atendidos pelo Programa Alfabetização Solidária em parceria com a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), faremos algumas reflexões acerca dos caminhos percorridos por esses sujeitos na luta pela condição de cidadão letrado, buscando dentro dos trabalhos realizados, que estes sujeitos possam fazer uso mais crítico/reflexivo do código escrito, obtendo e refletindo uma série de informações que são necessárias para que este possa quebrar as barreiras impostas pelo mercado de trabalho e também ter uma posição mais participativa dentro do contexto o qual se encontra na sociedade.

Sabe-se que, infelizmente as histórias de vida dos analfabetos no Brasil, são marcadas por trajetórias de fome, isolamento, falta de oportunidade, além de sucessivas tentativas frustradas de se alfabetizar.

Desse modo, os alunos que estão nas salas de aula, espalhados pelos municípios atendidos pelo Programa Alfabetização Solidária, precisam ter um atendimento que contemple sua realidade, abandonando o estigma do individual e trabalhando numa perspectiva de construção de conhecimento coletiva, tentando assim, promover a aquisição da linguagem oral e escrita, oportunizando aos alfabetizandos a transformação dos atuais significados da exclusão, observadas através das condições socioeconômicas, culpa e medo por ser analfabeto, isolamento, etc. Dessa forma, busca-se promover mudanças no refletir a realidade à sua volta, pois a aquisição do conhecimento e respeito às diferenças de cada um será um dos desafios da Educação do futuro, já que as revoluções tecnológicas, o acesso às informações, e a necessidade do uso consciente da linguagem oral e escrita, já não mais abrem espaços para aqueles que estão à margem do mundo letrado.

Vislumbrando essa realidade, faz-se necessário despertar nos alfabetizandos um re-significado na forma de ver e viver a vida, buscando enfrentar e superar com firmeza todos os entraves que venham atrapalhar a não realização desse projeto que tem tanto a contribuir para as conquistas pessoais dos alfabetizandos e também a sociedade como um todo.

É com essa preocupação que todo o processo de capacitação e acompanhamento dos profissionais envolvidos com a alfabetização de jovens e adultos na UEFS e nos municípios parceiros é pensado, pois o ato de alfabetizar indivíduos que teoricamente não estão inseridos num contexto de sociedade letrada, é a obsessão do PAS, pois já se verificam ações concretas por todo o país. Para a continuidade desse projeto é de extrema importância que façamos uma investigação acerca do sujeito o qual queremos despertar, onde este busque outras perspectivas de inserção num mundo que se torna cada vez mais versátil, e esse domínio da leitura e da escrita é a base para uma série de outras ações que esse indivíduo pode vir a desempenhar. De posse desse conhecimento esses sujeitos podem desenvolver procedimentos que contribuam com as questões pendentes de resolução dentro de suas comunidades, assumindo assim uma postura de cidadão participativo.

A proposta pensada e defendida pela equipe da UEFS, tem como meta realizar um trabalho que atenda às necessidades dos alunos, criando oportunidades para que os alfabetizandos re-signifiquem as representações construídas ao longo da formação social e cultural, e das muitas experiências vividas ao longo da vida. Com esse trabalho espera-se que os alfabetizandos possam atuar em suas localidades, município, em seu país, de forma mais ativa, assumindo assim atitudes mais concretas, no que tange ao exercício da cidadania.

Segundo Mello (1992), a cidadania é entendida,

*“como a consciência e a formação que os indivíduos adquirem de seu papel político e social, a consciência e o exercício de seus direitos e deveres, com discernimento capaz de participação efetiva na definição do próprio destino e na construção solidária da sociedade”.*

A problemática evidenciada nas discussões sobre direitos e deveres do cidadão, está contemplada no refletir a realidade, respeitando a individualidade de cada um no que se refere aos aspectos de gênero, raça, crenças, situação sócio-econômica, favorecendo assim o convívio entre as pessoas, não simplesmente num âmbito de reflexão, mas com estratégias práticas de respeito e valorização do outro, daquilo que ele traz como elementos de sua formação, conhecimentos diferenciados, a fim de que de fato todos possam a partir de suas peculiaridades construir e fazer efetivo os interesses coletivos, redimensionado assim, esse modelo de sociedade excludente, dual, eurocêntrica, “branca”, letrada, de um só credo, etc.

Não se pode permitir que no século XXI, ainda se tenha um contingente tão expressivo de indivíduos a margem dos direitos mais elementares que um ser humano pode usufruir como por exemplo, o direito de ler e escrever. Num mundo completamente letrado, globalizado, informatizado, com tecnologias avançadas, que requer de cada indivíduo competências e habilidades cada vez mais específicas para a sobrevivência, onde a comunicação é capaz de definir as relações sociais estabelecidas, os espaços ocupados, construindo dessa maneira a história.

Os alfabetizados que ainda não se apropriaram da leitura e escrita vêm o mundo “com os olhos dos outros”. É essa triste realidade que se busca transformar, pois os profissionais que o contexto atual exigem precisam quebrar as barreiras que separam e estigmatizam as incapacidades, assim os analfabetos são “cupabilizados”, muitas das vezes, por uma série de atrasos no país, na família e na sua própria vida pessoal.

Nos estudos realizados para esse trabalho, foi feito um levantamento das principais representações sociais e culturais que se traduzem em barreiras sólidas, impedindo de certa forma que o indivíduo não letrado freqüente e permaneça na sala de alfabetização.

Dentre essas representações, é necessário analisarmos alguns dos fatores que delineiam os pressupostos dessa realidade, assim temos: A origem geográfica e familiar desse sujeito, sua idade, trabalho/ocupação e finalmente sua história de escolarização.

Essas questões estão intimamente relacionadas com o desmembramento da aprendizagem que o indivíduo pode vir a ter. Nessa

direção recolhemos alguns depoimentos de alfabetizados para fundamentar o estudo.

Em visita de acompanhamento no município de **Jeremoabo-Ba**, uma alfabetizada, senhora **Maria das Graças Conceição Santos**, de 48 anos colocou:

*“Quá professora, lá onde eu morava até os 23 ano ninguém estudava não, nem meus irmão homem, meu pai não deixava não”.*

A frase de dona Maria é uma realidade na maioria das famílias do sertão nordestino, o tradicionalismo paternalista e o próprio desconhecimento da importância do domínio da leitura e escrita, demonstram uma realidade intrínseca ao meio de convivência desses sujeitos, o que provoca comportamentos dessa natureza.

No município de **São José do Jacuípe-Ba**, onde numa visita em uma das classes, falávamos da importância do saber ler e escrever, uma senhora **Joselita Santos de Jesus**, 63 anos disse:

*“Eu num sei, com a idade que tô, não enxergo mais melhor, o juízo já ta fraco, como é que vou aprender alguma coisa?”.*

Observamos que o velho estigma de que “papagaio velho não aprende a falar”, ainda se mantém internalizado na cultura da maioria dos alfabetizados e estes comungam com esse dito popular.

No município de **Laje-Ba**, a realidade de homens e mulheres é bastante sofrida, pois na maioria do território do município existem grandes latifúndios, e a falta de postos de trabalho é uma constante, obrigando as pessoas a trabalharem como bóias-frias. Constatamos essa triste realidade em visita realizada na classe da alfabetizadora **Elizangela Silva dos Santos**. Tentávamos explicar aos alunos a necessidade da presença dos mesmos em todas as aulas, pois as constantes faltas resultariam em prejuízos e deficiência no que se refere à aprendizagem. No meio da nossa fala, seu **Dermeval Gonçalves Silva**, de 54 anos solicitou a palavra:

*“Ô professora, a senhora não veja com má intenção não, mas toda comida que entrar lá em casa, entra pela minha mão. O patrão tem dia que não*

*deixa a gente sair cedo, sempre tem alguma coisinha pra fazer, o cansaço é grande sabia! Não posso deixar o trabalho, como é que se faz?"*

Diante desses depoimentos, observamos que a realidade concreta a qual estão inseridos os alfabetizandos, os quais enfrentaram e enfrentam um conjunto de problemas ao longo das suas vidas, onde muitas vezes esses entraves determinam um comportamento que pode ou não contribuir para o processo de aquisição da lecto-escrita, e dentre alguns desses entraves podemos citar: Sentimentos de inferioridade por ser analfabeto, associando o fato de não saber ler e escrever a coisas ruins, como por exemplo, perda de alguém da família, entrada precoce no mercado de trabalho, nível de exigência da natureza do trabalho realizado, não acesso à escola, má interação com o professor na sala de aula, o fato de não possuir bens materiais, ser privado de experiências muito desejadas ou prazerosas, imigração, preconceito racial e problemas de saúde, condições socioeconômicas e seletividade do sistema escolar.

Essa situação é vivenciada em quase todas às classes de alfabetização atendidas pela UEFS. Assim, se faz necessário que a preparação dos alfabetizadores esteja enraizada no pré-conhecimento de alguns desses entraves, no sentido de que estes possam juntamente com a turma, travar situações-problemas que contemple essas condições enfrentadas pelos alunos, no sentido de se construir reflexões que engajem essa realidade ao processo de aprendizagem da leitura e escrita, dando a essa aprendizagem um sentido próprio, pois só assim acreditamos que esses sujeitos permanecerão em sala, pois terão nesse espaço um ambiente que se preocupa em refletir o porque das dificuldades enfrentadas por eles ao longo das suas vidas.

As condições concretas de vida de cada alfabetizando, pré-definem sua maneira de ver e viver a vida. A história de cada um e o conjunto de situações enfrentadas pelos sujeitos resultam em estruturas de entendimento da realidade que irão dia a dia fechando os horizontes dessas pessoas, o que dificulta o avanço do adulto no caminhar da apreensão das realidades mais básicas para sua sobrevivência enquanto ser humano.

As descobertas empreendidas pelos alfabetizandos ao longo do processo, devem ser refletidas no tempo e no espaço, para que às

representações já formuladas não provoque a fuga desse aluno da sala de aula, assim afirma Freire (1996),

*“a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não apenas o cronológico. O velho preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo contínuo novo”.*

Observamos pelas palavras de Paulo Freire, que não se pode pensar a formação do cidadão de maneira fragmentada, sendo necessário o encadeamento das idéias, localizando as mesmas no tempo e espaço, principalmente quando este indivíduo não tem alguns fundamentos básicos alicerçados na sua formação pessoal, e não podemos deixar de lado seu ambiente, seus costumes, enfim sua trajetória de vida até aqui.

Sendo o analfabeto, um sujeito historicamente construído num contexto de sociedade de exclusão, a qual expressa crenças e valores empreendidos pela cultura macro da sociedade, o analfabeto vê e sente que tudo que ele sabe não tem valor fora do meio ambiente de vida do mesmo.

Desta maneira, e considerando todas essas observações e conclusões acerca das representações que esses alfabetizandos possuem do processo de aquisição da lecto-escrita, é que insistentemente tentamos realizar com o Programa Alfabetização Solidária nos municípios atendidos pela UEFS, uma proposta de alfabetização voltada para a realidade desses alfabetizandos, percebendo-os como pessoas que possuem uma história de vida valiosa, com conhecimentos que podem e devem ser aproveitados pelos alfabetizadores para desenvolverem e tornarem suas aulas mais instigantes e participativas. Desencadeando assim possibilidades de no contexto das discussões em sala, esses alunos reconstruam as representações que possuem acerca de si mesmo, do mundo, da capacidade que têm de aprender, da importância social do domínio leitura e da escrita, vendo essa última como mais um dos aspectos necessários ao melhor exercício da cidadania.

Nessa perspectiva esperamos está semeando pequenos grãos, que irão no futuro frutificar num repensar da realidade atual e que possamos, transformar cada vez mais idéias em ações concretas para a construção de um

mundo melhor, menos excludente, injusto, onde todos possam se utilizar das suas capacidades para o seu próprio benefício, bem como da coletividade.

## **BIBLIOGRAFIA:**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 9ª ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a Pedagogia da Autonomia. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

HERKENHOFF, João Baptista. **Como funciona a cidadania**. Manaus. Valer, 2000.

OTERO, Elisabete Sousa de. et alli. **Alfabetização de Adultos**: recuperando a totalidade para reconstruir a especificidade. Porto Alegre: Edições EST, 1993.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**: História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.